

O campo e a cidade em Italo Calvino: os cogumelos de Marcovaldo

Júlia S. B. de A. Pontes - Mestranda do programa de pós-graduação em
Língua, Literatura e Cultura Italiana (FFLCH/USP)

Orientadora: profa. Dra. Adriana Iozzi Klein

Cronologia da publicação dos contos

1952 (Unità):

- Funghi in città.
- Il piccione comunale.
- La pietanziera.

1953 (Unità):

- La cura delle vespe.
- Il bosco sull'autostrada.
- L'aria buona.

1954 (Contemporaneo):

- Il coniglio velenoso.
- Un viaggio con le mucche.

1955:

- La panchina.

1956 (Corriere d'Informazione)

- Luna e Gnac.

Cronologia da publicação dos contos

1963 (Corriere dei Piccoli):

- Fumo, vento e bolle di sapone.
- Marcovaldo al supermarket.
- La pioggia e le foglie.
- La fermata sbagliata.
- Dov'è più azzurro il fiume.
- La città smarrita nella neve.

1963

Marcovaldo ovvero le stagioni in città é publicado na coletânea «Libri per ragazzi», na qual recolhe os textos já publicados e acrescenta mais quatro:

“Un sabato di sole, sabbia e sonno”;

“La città tutta per lui”;

“Il giardino dei gatti ostinati”;

“I figli di Babbo Natale”.

Cronologia da publicação dos contos


- 1966 – Marcovaldo é publicado na coletânea “ Lettura per la scuola media”, com uma apresentação do autor.
- 1969 – o volume é admitido na “coleção adulta” de “Coralli”.
- 1973 - publicação em “Nuovi Coralli”.



Marcovaldo ou as estações na cidade

Contexto:

- anos 1950;
- desajustes ao ritmo da realidade industrial;
- alienação;
- poluição;
- lutas sindicais;
- consumismo;
- publicidade;
- crescimento econômico;
- papel do intelectual na sociedade.



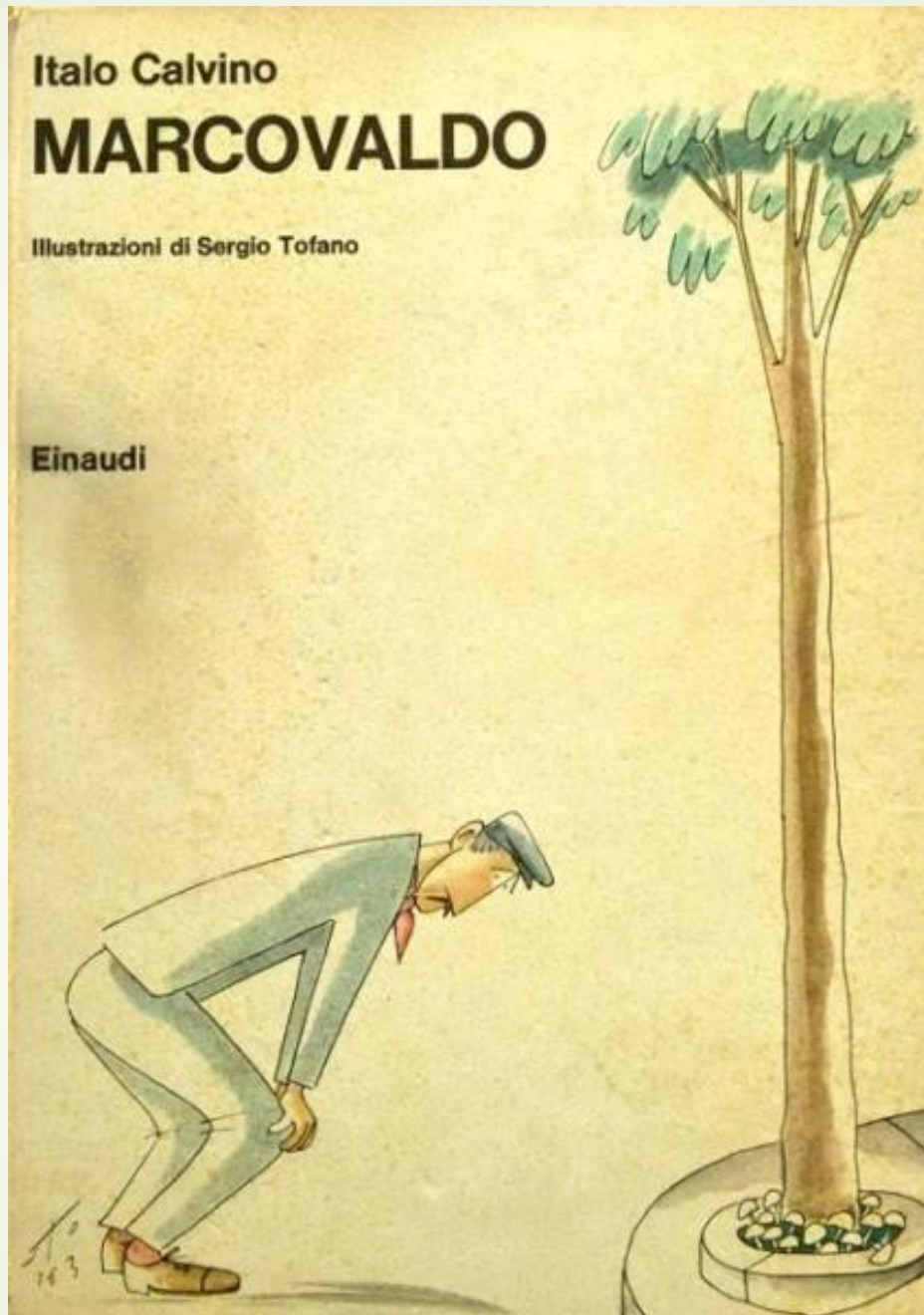
“Também na literatura outros temas se tornam atuais; não mais se denuncia tanto a miséria, mas um mundo no qual todos os valores transformam-se em mercadorias a serem vendidas e compradas, segundo os quais se arrisca a perder o sentido da diferença entre as coisas e os seres humanos, e tudo é avaliado em termos de produção e de consumo. As fábulas irônico-melancólicas de Marcovaldo se situam à margem desta ‘literatura sociológica’”
(CALVINO, 2014, p. X-XI). [tradução minha]

Italo Calvino

MARCOVALDO


Illustrazioni di Sergio Tofano

Einaudi




Marcovaldo ou as estações na cidade

“Esse Marcovaldo tinha um olho pouco adequado para a vida da cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelando num ramo, uma pena que se deixasse prender numa telha, não lhe escapavam nunca: não havia mosca no dorso de um cavalo, buraco de cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças da estação, seus desejos mais íntimos e as misérias de sua existência.” (CALVINO, 1994, p. 7)



1) Certo dia, num sulco de canteiro de uma avenida, apareceu, sabe-se lá de onde, uma rajada de esporos, e ali germinaram cogumelos. Ninguém se deu conta disso, exceto o carregador Marcovaldo, que todas as manhãs pegava o bonde exatamente ali. [...]

Inclinou-se para amarrar o sapato e observou melhor: eram cogumelos, cogumelos de verdade, que estavam rompendo a terra bem no coração da cidade! Marcovaldo teve a impressão de que o mundo cinzento e miserável que o circundava se tornava de repente generoso em riquezas escondidas e que ainda se podia esperar alguma coisa da vida, além das horas pagas pelo salário contratual, da compensação de perdas, do salário-família e da carestia. (CALVINO, 1994, p. 7-8)




2) “[...] pensava que enquanto estava ali descarregando pacotes e caixas, no escuro da terra os cogumelos silenciosos, lentos, de cuja existência só ele sabia, amadureciam a polpa porosa, assimilavam seivas subterrâneas, rompiam a crosta dos torrões. ‘Bastaria uma noite de chuva’, disse consigo mesmo, “e estariam no ponto de serem colhidos’.


[...]

Choveu à noite: como os camponeses que, depois de meses de seca, acordam e pulam de alegria ao rumor das primeiras gotas, Marcovaldo, o único em toda a cidade, sentou-se na cama, chamou a família.

- Chove, chove! – e respirou o cheiro de poeira molhada e mofo fresco que vinha da rua.” (CALVINO, 1994, p. 8-9)



3) “Porém não demoraram a se reencontrar, ou melhor, foi na mesma noite, no mesmo setor do hospital, depois da lavagem estomacal que os salvou do envenenamento: nada grave, porque a quantidade de cogumelos que cada um ingeriu foi bem pouca.” (CALVINO, 1994, p. 10)



Dentro da cidade de concreto e asfalto, Marcovaldo vai em busca da Natureza. Mas ainda existe a Natureza? A que encontra é uma Natureza artilosa, falsificada, comprometida com a vida artificial. Personagem engraçada e melancólica, Marcovaldo é o protagonista de uma série de fábulas modernas [...] (CALVINO, 1994, p. 137-138).

Referências bibliográficas

- Imagem da capa do livro: : <http://www.umbertocantone.it/marcovaldo-ovvero-le-stagioni-in-citta-di-italo-calvino-prima-edizione-con-le-illustrazioni-di-sergio-tofano/#prettyPhoto>
- CALVINO, Italo. “Presentazione 1966 all’edizione scolastica di Marcovaldo”. In: *Italo Calvino. Marcovaldo*. Milano: Oscar Mondadori Edizioni, 2014, p. V-XII.
- CALVINO, Italo. Marcovaldo ou as estações na cidade. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 7-10.